

NADJA LAMMEL



NADJA LAMMEL

“ARTISTA, ARQUITETA, CIBERATIVISTA, PROFESSORA, EMPRESÁRIA E MULHER NASCIDA NA REGIÃO AMAZÔNICA DE MT, QUE TRABALHA MUITO E NÃO MEDE ESFORÇOS PARA VIVER FELIZ E COM QUALIDADE ATRAVÉS DA ARTE”

“Navego entre dois mundos”

“Eu tô sempre com um pé no mundo, outro aqui”

Escrever sobre a pessoa nomeada Nadja Lammel (não só enquanto artista, mas enquanto ser humano em sua completude) em um pequeno espaço textual, utilizando técnicas comuns e regras limitadas, parece o mesmo que negar pincéis, sprays, tintas e suportes em sua existência. É impedir a expressão da verdadeira identidade. Sua história e envolvimento com o grafite parecem não localizarem amplas ressonâncias nesse espaço estrutural de construção deste Atlas, não por uma desidentificação artística, pelo contrário, talvez por se identificar para além, de uma forma mais holística ... - seus “dois mundos” parecem muito além de dois ... não caberiam aqui - Ao mesmo tempo, deixar de homenagear sua importância para a arte visual de Mato Grosso, por esse motivo, não seria uma opção devido a um já conceituado e reconhecido trabalho nacional e internacional levando o nome de nosso Estado, com tamanho carinho e generosidade encontrados em suas palavras e atitudes práticas com seus projetos. Portanto, arriscamos, e pedimos permissão para homenagearmos, dentro das nossas possibilidades, ao menos uma parte destes mundos.

O que significa viver entre dois mundos e quais mundos são esses?

“Vivo entre o mundo do luxo da arquitetura e exposições, mas também ando no universo subversivo, underground, alternativo, frequentei por muito tempo a cena do rock e eletrônica de Cuiabá, apreciadora de um som de qualidade e também até hoje vivo criando playlists de música para cada exposição ou trabalho inédito que lanço, a música está sempre comigo.

No “underground” me encontrei, é ali que estão as coisas boas, na contracultura, é dali que sai o que me atrai, o que seja diferente, o que parece estar à margem da sociedade, vejo isso como acervo criativo real, como era o artista Clóvis H. Irigaray (in memorian), um dos mestres com quem pude aprender sobre a arte e que devemos ser autênticos à nossa identidade, seja ela qual for. Na última conversa que tivemos, disse a ele que éramos “punks” bonzinhos, porque parecemos que somos fortes, determinados, às vezes bravos, expressivos, mas ao mesmo tempo amorosos, delicados, sensíveis e artísticos. Tive essa cumplicidade com ele, isso me fortalece como artista, como pessoa também”.

Mas também significa:

“Navego entre dois mundos, o mundo que é da arte urbana, do grafite, mas que tem toda uma referência nos artistas e na arte regional porque eu mato-grossense, então, acima de tudo eu acredito que, o partido do meu trabalho é a natureza e a observação da cultura do nosso Estado, né. Eu tô sempre com um pé no mundo, outro aqui, aqui no nosso Estado, eu acredito que o mais bonito pra levar daqui é quem a gente é”.

E ainda:

“Eu vivo entre os dois mundos, o mundo do grafite e o mundo acadêmico. Com a pandemia a gente teve que criar soluções pra arte de parede, arte de larga escala, com o grafite né. E numa dessas soluções eu acabei indo pro lado da pintura em tela né, dos painéis, dos quadros, mas trazendo toda bagagem do grafite como técnica e misturando com técnicas acadêmicas também, porque hoje os artistas mundiais ou até mesmo, vamos citar, como os Gêmeos, tem essa ... como o Brasil é um mix de cultural os grafiteiros nunca são só grafiteiros, eles sempre trabalham com vários tipos de suportes, e eu tenho essa vontade de mudar de suporte, de criar coisas inusitadas ... Tem uma popularidade do grafite, mas ainda uma resistência no mundo museológico em relação ao spray ...”.

A identificação com a natureza observada em sua produção, não é apenas uma escolha artística, é a expressão das raízes locais sendo essência. Nascida em Alta Floresta-MT, o contato com o “mato” como matriz foi mais intenso ...

*"Eu nasci em Alta Floresta, eu tenho uma conexão com todos os biomas porque... biomas eu digo de Floresta Amazônica mesmo porque lá pega uma grande área do começo ali, apesar de toda devastação dessas questões de madeira e do agronegócio mas, também é o que fez a região aguentar economicamente a região, tem sempre os dois lados das duas questões, eu gosto de sempre tá levantando essas questões mas de uma maneira amorosa, porque ... **eu não sou contra nada, eu sou a favor das coisas, eu sou a favor da natureza, a favor de uma economia produtiva nos setores**, nós temos todo um histórico com os indígenas [...] Desenho e pinto desde cedo, por volta dos 3 anos era algo natural, já desenhava personagens, veículos, ambientes, paisagens, a floresta, bichos, era brincadeira, mas eu também levava a sério a ponto de guardar meus croquis já nessa idade e ainda os tenho hoje. Gosto das coisas organizadas como meu pai, Valdenê Leandro, que em especial sempre incentivou, me levou desde pequena à museus pelo Brasil, onde pude apreciar artes visuais de todos os tipos e expressões, ele também é artista "de dom" e filho de um pintor profissional, meu avô Valner (in memorian). Meu outro avô, Armand (in memorian), era um exímio carpinteiro, marceneiro e escultor de origem alemã, o convívio com ele foi muito rico tanto como pessoa quanto profissional, com ele aprendi a não ter medo de usar as mãos, nisso criei habilidades como as dele, hoje consigo fazer um graffiti em uma parede imensa, uma luminária, um mobiliário, eu construo até uma casa se precisar. Penso que sou uma herdeira de ricos saberes, carrego comigo a missão de continuidade, sou grata pelo tanto que meus antepassados se esforçaram para que eu estivesse aqui hoje, fazendo parte de um estudo de tema para doutorado.*

Na região amazônica do nosso estado, na cidade de Alta Floresta onde nasci em 1985, havia ainda uma vasta floresta que se integrava a minha casa e abraçava a cidade, esse contato com a floresta, fauna, flora, cultura indígena (em especial sobre o guaraná), sempre foi um ambiente recheado de acervo natural, as cores vibrantes da mata, da flora, tudo hoje faz parte do que faço e apresento ao público. Não obstante, na arquitetura pude vivenciar e estudar a história da arte e plástica, disciplinas que me despertaram ideias de seguir como artista e também como professora das matérias. Como artista profissional iniciei em 2011, sendo que minha primeira exposição "solo", individual, aconteceu somente em 2016/2017".



"Exposição "Universum" 2017 no Museu MACP (Museu de Arte e de Cultura Popular) da UFMT, primeira exposição solo. Na fotografia, a crítica de arte Aline Figueiredo observa as obras. Cuiabá-MT"



"Exposição "Universum" 2017 no Museu MACP (Museu de Arte e de Cultura Popular) da UFMT. Na fotografia, Nadja Lammel e seu pai Valdenê Leandro, em conversa expressiva com o artista Clóvis H. Irigaray, padrinho e mentor da artista homenageado na exposição. Cuiabá-MT"



O Guaraná é uma releitura do Divino em um grafite destacado pela artista em sua trajetória.
"Um grafite especial, uma obra que tem bastante elementos do grafite mesmo, que é aquela coisa de paisagem urbana, mas misturo com um monte de guaraná, rsrsrs, uma interpretação minha do símbolo do Divino Espírito Santo, da bandeira do Divino. O Divino por tradição cristã é uma pomba, eu vejo, botei ela como arara, uma coisa, de certa forma, mais abstrata".
"Graffiti no viaduto da SEFAZ / Receita Federal, projeto da Prefeitura de Cuiabá 2020. Cuiabá-MT"

Fonte: Fotografia Célia Soares 2021



“Graffiti no viaduto da SEFAZ / Receita Federal, projeto da Prefeitura de Cuiabá 2020.
Fonte: Fotografia Célia Soares 2021



“O Anciã”. Miami, USA, 2018”

“Eu tenho um amor profundo pela cultura indígena e uma vivência, trabalhei no IPHAN muitos anos, e, foi onde eu aprendi e entendi a importância da salvaguarda do patrimônio material e imaterial. Como arquiteta eu trabalhei um pouco nessa área de patrimônio e preservação do patrimônio edificado também, patrimônio histórico, digo, casarões no Centro, então, eu sou um caldeirão, um mix de História da Arte com vivência e com estudo também, eu sou uma grande estudiosa de tudo, e gosto de ver a perspectiva da cidade, a perspectiva da fé, a perspectiva do povo, e acredito que essa semiótica traga um novo olhar, uma nova visão, um novo valor pra nossa cultura. Eu não tenho vontade de mudar nada, mas se eu puder acrescentar carinho e levar mais do Mato Grosso pro mundo, como a gente tem conseguido fazer, como a gente tem conseguido, como mandar uma obra, “O ancião”, para uma das maiores exposições de arte do mundo ...”

Possui formação em Arquitetura e experiência de trabalho no IPHAN, como empresária e professora, contudo, o trabalho artístico parece ser o que mais desenvolve e no qual a artista mato-grossense mais se identifica nesses “mundos” de conhecimentos nos quais parecem alimentar sua existência tão ampla. E até mesmo no chamado artístico, os dois mundos parecem conviver harmonicamente. Nadja Lammel se considera:

“Artista Plástica e Grafiteira, pela questão do emprego das técnicas que envolvem os dois segmentos, é isso que faço, utilizo técnica tradicional acadêmica e também o spray do graffiti”.



"Graffiti sobre escultura-luminária de viola de cocho, Obra "Luz de Viola", da Exposição "In Natura", 2020 Primeira exposição virtual da artista. Cuiabá-MT"



"Exposição coletiva "Graffiti no Museu" 2017 no Museu MACP (Museu de Arte e de Cultura Popular) da UFMT. Obra "Rabo de jacaré". Cuiabá-MT"

Uma opinião local, com uma visão de fora, sobre o nosso grafite:

"O Graffiti em Cuiabá tem uma relação diferente, ele não surge da pixação como em São Paulo, Nova Iorque, Berlin por exemplo, vejo o Graffiti aqui como um herdeiro do muralismo advindo de artistas que por volta de 1960 já pintavam murais históricos, paisagens com natureza mato-grossense e cultura regional de maneira geral, artistas como Humberto Espíndola, Adir Sodré, Gervane de Paula já faziam isto. Temos também algum traço de pixação na cidade, mas não vejo algo massivo, como vemos em outros centros. Hoje temos o Graffiti como movimento transformador de vidas, seja como atividade amadora ou profissional, o Graffiti tem se mostrado cada vez mais forte, novas gerações já conseguem viver deste ofício, outrora tão marginalizado e agora temos até uma supervalorização no mercado artístico da capital".

"NEGAR QUE O GRAFITE VEM DA PIXAÇÃO É NEGAR A PRÓPRIA EXISTÊNCIA!"

OPA! piXação sim senhor, bora pra uma aula rápida?

"Minha visão é objetiva, não existe Graffiti sem pixação (prefiro escrever dessa forma, nós grafiteiros escrevemos assim). O termo Graffiti surge da palavra "grafito" em latim, que seria o carvão, ou grafite, em Pompéia na Itália, frequentemente cristãos para fugirem da perseguição romana, realizavam marcações nas paredes indicando através de símbolos, caminhos mais protegidos do ataque de soldados, essas grafias (símbolos) era uma forma de comunicação e demarcação, um dos primeiros tipos de indicação não oficial de território por um grupo, povo, vejo que isso é até hoje, gangues principalmente em SP, demarcam seus símbolos e letras em edifícios e regiões de tráfico. Não comparando uma questão social a outra, mas a comparação na questão da manifestação marginal, à mercê da sociedade, alternativa, fora do sistema eu digo. Voltando ao começo de tudo, no período neolítico o homem tem suas primeiras manifestações artísticas e de comunicação, o uso do carvão para desenhos que representavam rebanhos, plantações, território, se auto desenhavam, penso que o ser humano sempre esteve desenhando em paredes, seja arte rupestre ou paredes de edifícios, estamos buscando a expressão de nós mesmos".

"Já nascemos pessoas que quer intervir em algo, em algum objeto, superfície. A gente, na escola quer escrever o nome na carteira, dentro do banheiro, pode ser a escola, às vezes, mais cara, ou pública, sempre a gente tá escrevendo nos ônibus, hoje tem melhorado esses mini vandalismos, mas no caderno da gente, ou no gesso quando alguém quebra o braço na escola, então a gente tá sempre escrevendo em superfície. Na verdade, o grafite tá ligado totalmente à história da arte, tá ligado desde a arte rupestre, porque, se o que a gente faz é escrever na parede, pintar parede, qual é a diferença das primeiras inscrições rupestres, né, que nós fizemos também, essas manifestações, sejam pra contar algo, marcar algo, explicar algo, fazer identificação de posições, né, nós temos muito isso na arte rupestre... por aí"



*"Graffiti no Centro Cultural 'Casa Cuiabana' 2018
Cuiabá-MT"*



"Graffiti no Sesc Arsenal 2018, colaboração entre Nadja Lammel e Babu 78 Cuiabá MT"

O ponto de inflexão entre as duas artes visuais (irmãs?) que descrevem arte das ruas e de galerias cuiabanas: as artes plásticas e o grafite ...

"A arte produzida na rua tem todas as questões e problemáticas de se estar exposto, temos a questão da violência, assédio (nós mulheres principalmente), têm também as intempéries, as altas temperaturas constantes em Cuiabá, mas nos dá a oportunidade de trazer a arte para a apreciação de um grande público, que pode contemplar o trabalho. Já a arte de galeria é bem valorizada também, porém para um público direcionado, a exclusividade faz com que o trabalho valorize, é assim desde sempre no mercado da arte mundial e aqui também.

No mundo temos uma supervalorização de artistas grafiteiros, como Banksy, artista britânico que esconde sua identidade, realiza graffitis em locais de grande visibilidade e depois a quem recorte a parede de uma edificação e venda a arte por quase um milhão de Euros em leilão / galeria. Hoje através principalmente do grafiteiro Babu 78, tivemos na cidade uma nova percepção entre a arte produzida na rua e galeria/museu, ele difundiu através de muitos trabalhos a arte pela cidade, premiado em salões, tanto que Aline Figueiredo, a principal curadora e crítica de arte do centro oeste reconhece o graffiti como forte movimento artístico em Cuiabá e no mundo, deu visibilidade ao tema em seus cursos de história da arte, expandindo a apreciação do público pelo Graffiti. Fui aluna dela e portanto discípula de sua visão promissora sobre a arte de MT, em especial o Graffiti".

O atual momento do grafite em Cuiabá...

"Vivemos hoje um verdadeiro sonho, mesmo com toda a dificuldade que envolve o trabalho em qualquer segmento cultural, temos uma valorização expressiva da arte do Graffiti, vejo artistas profissionais vivendo da arte como eu também vivo, vejo todos nós crescendo em todas as direções. Há também quem esteja começando, ou que tenham outras atividades e esse caminho principalmente na periferia é complexo, pois envolve questões de investimento básico para se trabalhar com arte, os sprays são caros e variam de R\$25,00 a R\$30,00, as tintas complementares são mais acessíveis. Por isso é importante a participação do poder público, que por quase um milagre tem liberado editais que contemplam o setor do Graffiti, temos que estar atentos a todas as possibilidades, até que o artista consiga se estabelecer. O estudo seja ele empírico ou acadêmico, deve ser a base para todos, vejo também que quem se esforça mais, no sentido de viver a arte, observar, ir a eventos gratuitos e cursos de Graffiti que são oferecidos principalmente pelo Sesc, Governo do Estado e Museus. Eu vivenciei muitos desses cursos, tive como mentor o artista Babu 78, em 2013/2014 ele foi um grande incentivador e professor, aprendi com ele a base do Graffiti, depois fui aprimorando com outros cursos da área, testei sprays, técnica até encontrar a minha forma de me expressar dentro da técnica".

... leva à alegria de ser artista nessas terras!

"É gratificante, me sinto feliz e realizada por ser artista em Cuiabá, é uma cidade que me acolheu desde 1989, é um acervo cultural por onde se vai, temos dificuldades em certos tempos, mas o mercado oscila para todos os segmentos, procuro me manter atualizada, além do graffiti, ministro aulas, pinto telas, crio objetos tridimensionais, elaboro projetos de valorização da arte, convido e fomento outros artistas da nova geração e artista tradicionais, não só do Graffiti mas também de outras técnicas e estilos através do Instituto Ateliê, empresa que fundei em 2016".

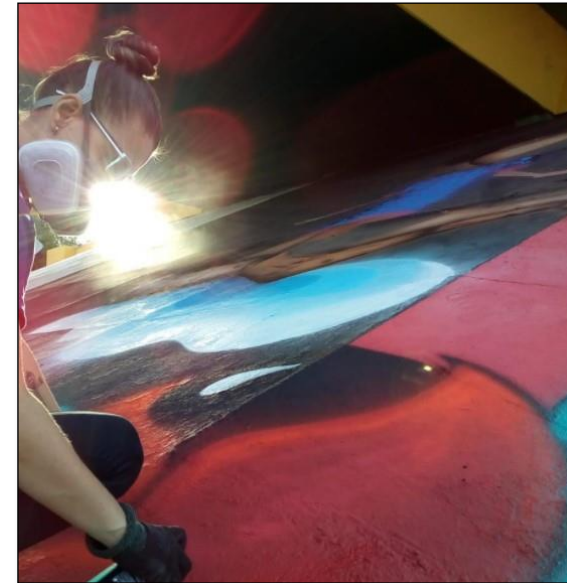
Como empresária, Nadja Lammel não ficou apenas com os trabalhos do Instituto Ateliê (e de Projetos). Com grande apoio de seu parceiro Guilherme Chaves, desenvolvem um projeto de Catalogação das Artes mato-grossenses, dando visibilidades mundiais para artistas regionais, utilizando dinâmicas virtuais de verificação de ponta. Além dessa ação, a empresa presta serviço de assessoria de gestão, planejamento e produção de projetos voltados ao setor de editais culturais, tanto municipal quanto estadual, visando incentivo aos artistas, com expressivo número de resultados positivos desses trabalhos na capital.

Com os pés aqui, ou lá, caminhando entre dois ou mais mundos, o grafite possui e leva consigo sua essência:

"O Graffiti é a técnica, o suporte pode variar, pode ser uma parede externa de um edifício, um muro, uma tela de tecido, um objeto tridimensional. O uso do Spray é o que representa o Graffiti, está é a técnica, traz velocidade e degradês que são só possíveis através dessa mágica latinha de tinta com válvula sob pressão"

Uma acolhedora opinião, como essa, esconde uma realidade que o sexo feminino sofre no exercício dessa manifestação artística. Para a artista Nadja Lammel, tal realidade não foi uma escolha, fez e faz parte da sua vida, seja pela experiência prática ou pela força estruturalmente emocional - em certa medida - que não alivia a intensidade por ser uma mulher em via pública fazendo um grafite ...

"Ser mulher nunca foi fácil, a questão do assédio de maneira geral todos nós estamos expostas, tenho a sorte e inteligência de entender que Graffiti é algo coletivo, portanto sempre estou junto com outros (as) artistas ou então com alguém da minha equipe. Mesmo assim em 2019 fui contratada pela prefeitura de Cuiabá para pintar uma parte de um grande viaduto na av. do CPA, junto com outros 5 artistas, mesmo em grupo com os colegas, algumas pessoas que passavam por ali começaram a me xingar, de pichadora, vândala, eu tentei explicar que estava a serviço da prefeitura, mas não houve conversa, uma moça gritou muito dizendo que era vandalismo. Fiquei triste, pois atrapalhou meu processo criativo e tive que pedir ajuda para colegas para finalizar o trabalho. A arte tem seus encantos e também seus problemas, toco a vida adiante, hoje se me xingarem eu dou risada, pois estou fazendo o que gosto, sendo paga para isso".



Grafite referente à história contada acima, pela artista.
"Graffiti no viaduto da Av. Rubens de Mendonça (CPA) 2018.
Trabalho para a Prefeitura de Cuiabá. Cuiabá-MT"

Pedimos licença para trazer aqui o nome dessa importante artista, porque, de acordo com sua experiência, não seria coerente sua história constar separada de alguns artistas homens, ou melhor, sua história não coincide em nada com as das mulheres presentes neste Atlas.

"Eu sempre estive junto com os meninos mesmo, a gente sempre se viu igual. Mesmo a questão do muralismo, antes do grafite, que eu já fazia ... mas eu sempre realizei minhas atividades com os meninos, né, que é o Gora, o Babu ... então assim, vivência zero, zero, zero com as mulheres. No grafite, falar a verdade, não consigo nem lembrar agora quem faz, tem uma nova geração e tal ... mas, tá ligada até a fazer outras atividades né. Eu sou artista plástica, eu vivo disso né, eu vivo de trabalhar, de fazer os grafites, de trazer os suportes do grafite pras telas também né, porque eu trago os suportes do grafite pra isso"

"Eu não me vejo junto com as mulheres, no sentido mais igualitário do tamanho, da dimensão da minha arte, porque eu vivo disso, então eu realmente trabalho com isso, como, durmo pensando, e é a minha vida, é o ateliê todos os dias, é o tá pintando ..."

De modo amplo, a sincera realidade compartilhada pela artista Nadja Lammel parece também conter "dois mundos": um dos universos dos "meninos", das ruas, dos grafites, do risco, das aventuras, dos materiais e suportes pesados e gigantes, do distanciamento familiar com as viagens, e outro mundo, do universo da natureza e do cultural-natural-local. A união desses universos experienciais proporcionaram os momentos mais marcantes na carreira da artista, destacados por alguns, em especial ...

"Em 2017 apresentei ao público a Exposição "Naturalis", aconteceu na Galeria Lava Pés (Sec. de Cultura do Estado), a exposição refletia sobre a natureza e cultura de nosso estado e também a conexão das técnicas do Graffiti junto a técnicas tradicionais acadêmicas de "belas artes", recebi destaque nas mídias e jornais de MT, como prêmio e reconhecimento recebi o documento oficial de "Moção de Congratulação" pela valorização da cultura mato-grossense, título emitido pela Assembleia Legislativa do Estado de MT, me fez feliz e realizada, sabemos que nem sempre todos os artistas recebem essa atenção, foi algo que me fortaleceu como profissional e no propósito de promover meu Estado. No ano de 2018 fui selecionada pelo curador Erez Safar e a curadora Kiki Somerville, representantes da Gallery 38 em Los Angeles e do programa "TFA" The Fearless Artists de Nova Iorque, a seleção contemplava a exposição de uma obra na Semana da Art Basel em Miami/Flórida-Estados Unidos da América, renomado evento sendo a maior feira de artes do mundo. A obra selecionada foi "O ancião" uma personagem que criei, um guerreiro com ares de sabedoria e força em sua expressão, pintura com técnica do graffiti sobre painel (quadro), acredito que este seja o ponto máximo da minha carreira, a obra obteve destaque na mídia e crítica especializada, sendo que o site G1 fez uma matéria e publicou nacionalmente, meu maior ato foi levar a nossa cultura de MT para outro país".



*"Exposição "Naturalis" 2017/2018, na Galeria Lava Pés (Secretaria de Cultura do Estado de MT).
A Exposição recebeu documento oficial de "Moção de Congratulação" pela valorização da cultura mato-grossense, título emitido pela Assembleia Legislativa do Estado de MT. Cuiabá-MT"*



"Documento oficial de "Moção de Congratulação" pela valorização da cultura mato-grossense, título emitido pela Assembleia Legislativa do Estado de MT".

Com respeito à essa história, vamos contemplar novamente!!!



"O Ancião". Miami, USA, 2018"



"Graffiti sobre painel. Show da banda Haikaiss, Arena Pantanal 2018.
A obra "Todos os povos" 3,0x2,5m hoje compõe acervo fixo da
Secretaria de Cultura do Estado de MT. Cuiabá-MT"



"Exposição "Virtus", graffiti sobre painéis, 2021. Chapada dos Guimarães-MT"



"Graffiti para SESC Pantanal 2019, Poconé-MT"



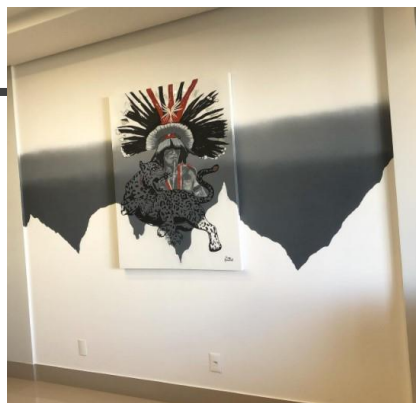
"Graffiti para cenário da Globo, programa 'É bem MT', 2019
Cuiabá-MT"



"Graffiti sobre parede. Coleção "Barroco MT" na Mostra Iluminare 2019, evento de arte e arquitetura. Ambiente premiado pelo evento, quesito inovação e beleza. Sinop-MT"



"Graffiti sobre embarcação, obra "Yacht Manso". 2021- Lago do Manso-MT"



"Graffiti sobre parede e painel, obra "Virtus II", Acervo particular do colecionador Aleir Júnior. 2021 - Cuiabá-MT"



"Exposição coletiva 'Originários', perspectiva geral. Coleção CyberPunk do Mato. Galeria Lava Pés (Secretaria de Cultura de MT), 2022. Cuiabá-MT"



"Graffiti sobre painel. Exposição coletiva 'Originários'. Obra "meta-verso". Coleção CyberPunk do Mato. Galeria Lava Pés (Secretaria de Cultura de MT) 2022. Cuiabá-MT"